

FÚTBOL CALLEJERO: UMA PRIMEIRA ANÁLISE PRAXIOLÓGICA

FÚTBOL CALLEJERO: A FIRST PRAXIOLOGICAL ANALYSIS

FÚTBOL CALLEJERO: UN PRIMER ANÁLISIS PRAXIOLÓGICO

Lígia Estronioli de Castro

<https://orcid.org/0000-0002-7236-2655> 

<http://lattes.cnpq.br/9208964852216497> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)

ligiaestronioli@gmail.com

Lilian Aparecida Ferreira

<https://orcid.org/0000-0001-8517-4795> 

<http://lattes.cnpq.br/5593652376712829> 

Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP – Brasil)

lilian.ferreira@unesp.br

Resumo

O *Fútbol Callejero* surge na Argentina, assentado no que podemos denominar por quatro princípios básicos que vão caracterizar e estruturar sua prática: desenvolvimento em três tempos; ausência de árbitros/as e presença de um/a mediador/a; equipes mistas; pontuação final que envolve o jogo jogado e os três pilares fundantes (cooperação, solidariedade e respeito). Com essa configuração particular, essa prática motriz teria sido criada para recuperar o protagonismo da juventude e oportunizar uma dinâmica de diálogo entre os seus participantes, marcados pela vulnerabilidade social. Tal caracterização apresenta uma prática motriz, ainda que com aproximações com o futebol esporte, igualmente com diversas peculiaridades. Deste modo, o objetivo deste artigo foi realizar uma análise teórica, ainda bastante preliminar, das estruturas e dinâmicas do *Fútbol Callejero*, tendo em conta os conceitos básicos da Praxiologia Motriz.

Palavras-chave: *Fútbol Callejero*; Praxiologia Motriz; Futebol; Prática Motriz.

Abstract

Fútbol Callejero emerged in Argentina, based on what we can call four basic principles that will characterize and structure its practice: development in three times; absence of referees; mixed teams; final score that involves the game played and the three founding pillars (cooperation, solidarity and respect). With this particular configuration, this driving practice would have been created to recover the protagonism of youth and provide opportunities for a dynamic of dialogue between its participants, marked by social vulnerability. Such characterization presents a driving practice, although with similarities to sport soccer, also with different peculiarities. Thus, the aim of this article was to carry out a theoretical analysis, still very preliminary, of the structures and dynamics of *Fútbol Callejero*.

Keywords: *Fútbol Callejero*; Motor Praxiology; Football; Motor Practice.

Resumen

Fútbol Callejero surge en Argentina, a partir de lo que podemos llamar cuatro principios básicos que caracterizarán y estructurarán su práctica: desarrollo en tres tempos; ausencia de árbitros/as y presencia de un/a mediador/a; equipos mixtos; puntuación final que involucra el juego jugado y los tres pilares fundamentales (cooperación, solidaridad y respeto). Con esta configuración particular, esta práctica motriz se habría creado para recuperar el protagonismo de la juventud y brindar espacios para una dinámica de diálogo entre sus participantes, marcada por la vulnerabilidad social. Tal caracterización presenta una práctica de conducción, aunque con similitudes con el fútbol deportivo, también con diferentes peculiaridades. Así, el objetivo de este artículo fue realizar un análisis teórico, aún muy preliminar, de las estructuras y dinámicas de *Fútbol Callejero*.

Palabras clave: *Fútbol Callejero*; Praxiología Motora; Fútbol; Práctica Motora.



INTRODUÇÃO

Em linhas gerais, podemos dizer que as práticas motrizes vão sendo criadas e recriadas com estreitos vínculos entre as produções culturais e o tempo da humanidade, constituindo os modos de se relacionar com o mundo e as pessoas com base nos processos de (res)significação que vão assumindo.

Os esportes, por exemplo, evidenciam essa dinâmica social assentada num esteio configuracional que reflete as mudanças de sentidos estabelecidas no decorrer da história da constituição da sociedade ocidental (ELIAS, 1994).

O futebol, neste sentido, revela-se como uma modalidade esportiva bastante curiosa, na medida em que, mesmo sendo reconhecida como uma prática social institucionalmente estabelecida e com identificação mundial, igualmente convive com uma concepção pluralista que se materializa pela abertura conceitual advinda do jogo. É por essa via que Damo (2005) vai cunhar o termo *futebóis*, alertando para as variadas maneiras de fazer esse jogo e suas inúmeras possibilidades de interação entre seus praticantes.

Essa pluralidade acerca do futebol nos aproximou do *Fútbol Callejero*, colocando como objetivo para este artigo a realização de uma análise teórica, ainda bastante preliminar, apresentando sua constituição histórica e dando relevo às suas estruturas e dinâmicas, tendo em conta os conceitos básicos da Praxiologia Motriz (PARLEBAS, 2001).

A expectativa com esta análise é que possamos, assim como defende Ribas (2005), nos familiarizar com um modo de análise das práticas motrizes, bem como, compreender melhor os elementos que as constituem e seus funcionamentos com vistas a repensar os processos de ensino.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A orientação teórico-metodológica que sustentou as análises empreendidas neste artigo teve como referência a Praxiologia Motriz de Pierre Parlebas (2001), particularmente apoiada nos conceitos fundamentados:

- Nas interações demarcadas entre os/as Companheiros/as de equipe (C), os/as Adversários/as (A), e a Incerteza do Ambiente (I);
- Nos Universais Ludomotores (redes de comunicação motriz; rede de interação de marca; sistema de pontuação, papel sociomotor, subpapel sociomotor, gestema, praxema);



- Na etnomotricidade: relação das práticas motrizes com a cultura e o meio social onde tais práticas são produzidas e desenvolvidas pelas pessoas.

Tais conceitos serão posteriormente definidos e cotejados com o *Fútbol Callejero*.

Por esta perspectiva, esta investigação se caracterizou por um estudo teórico-interpretativo, na medida em que, como pontua Eco (1995, p. 15) “[...] o texto é um objeto que a interpretação constrói na tentativa circular de validar-se com base naquilo que constitui”.

HISTÓRIA E METODOLOGIA DO FÚTBOL CALLEJERO

O *Fútbol Callejero* surge na Argentina num momento de carência econômica e social, trazendo uma nova perspectiva pautada no diálogo para enfrentar as consequências provocadas pela revolta militar contra a ditadura de Juan Carlos Onganía (TOMAL, 2012). Entre os mais acometidos pelas altas taxas de desemprego e as precárias condições de sobrevivência, desta época, estavam os jovens, visto pela maioria da elite adulta como ociosos.

Influente na comunidade onde residia, Fábian Ferraro interpretava essa situação de modo diferente, uma vez que para ele os jovens não eram ouvidos pela população argentina. Dessa forma, como meio de recuperar o protagonismo desse grupo, o ex-jogador profissional teve a ideia de organizar, de modo frequente, jogos de futebol para, muito mais do que canalizar a hostilidade entre as comunidades que se avizinhavam e que estavam vulneráveis à violência e ao uso de drogas, atrair e mobilizar essa juventude para lutar por seus direitos e interesses (ROSSINI et al., 2012).

Mesmo com as conquistas obtidas nos jogos e do reconhecimento que estes jovens passaram a assumir no bairro, de acordo com Belmonte (2019), tanto Fábian Ferraro quanto seus parceiros Julio Jiménez e Fernando Leguiza notaram que, apesar dos bairros próximos conterem grande público feminino, nas partidas que eles organizavam, as mulheres não participavam. De acordo com Rossini e colaboradores (2012), outro fator que eles identificaram foi que nas disputas de futebol entre gangues de rapazes, que sempre se enfrentavam, o conflito recorrente era deixado de lado para a vivência do jogo. É neste momento, no ano de 2001, que surge a ideia do *Fútbol Callejero*, inspirado pela nomenclatura do futebol de rua que as crianças do bairro davam a estes jogos de futebol entre as gangues (BELMONTE, 2019).

A partir daí, foram organizados jogos nos quais a presença das mulheres era obrigatória, ampliando o acesso ao esporte para o gênero feminino na interação com os



rapazes (ROSSINI et al., 2012). Além disso, Ferraro e seus parceiros incluíram um tempo, anterior à disputa do jogo propriamente, no qual os/as participantes elaborassem as regras do jogo. Em seguida, acrescentou um tempo posterior ao jogo jogado, no qual os/as jogadores/as conversavam sobre a relação entre as regras elaboradas com o jogo ocorrido.

Essa metodologia passou a ser realizada em todos os jogos de futebol que passaram a acontecer na comunidade, configurando um espaço de lazer para todo o bairro. O sucesso dessa experiência foi tamanho que a mesma passou a ser disseminada para outros países, sendo incorporada primeiramente em países da América Latina com a expectativa de concretizar um processo educativo voltado para a inclusão social, recuperação de valores humanos, impulsionar e desenvolver lideranças, interações solidárias e transformações sociais (MOVIMENTO FUTEBOL CALLEJERO, 2016).

Os princípios básicos que estruturam a prática do *Fútbol Callejero* são os seguintes:

1. desenvolvimento em três tempos; 2. ausência de árbitros/as e a presença de um/a mediador/a; 3. equipes mistas; 4. pontuação final que envolve o jogo jogado e os três pilares fundantes.

A duração dos jogos é algo acordado entre os/as participantes, porém, todas as partidas devem ser desenvolvidas em três períodos ou tempos. O primeiro é caracterizado pela construção coletiva das regras, divisão das equipes e estabelecimento do sistema de pontuação. O segundo tempo consiste no jogo propriamente dito, sem nenhuma intervenção externa. O terceiro é o momento de análise das ações realizadas no jogo de acordo com as regras estabelecidas pelo grupo no primeiro tempo, constituindo um fórum de diálogo e mediação de eventuais conflitos (ROSSINI et al., 2012).

Outra importante característica desta prática motriz, segundo Rossini e colaboradores (2012), é que diferentemente de outras práticas esportivas, essa não demanda pela presença de um/a árbitro/a, tendo em conta que são os/as próprios/as jogadores/as que controlam suas ações no desenrolar do jogo. Contudo, há um/a mediador/a nesse processo que registra as regras criadas pelos/as integrantes do jogo no primeiro tempo, anota as situações ocorridas no jogo (segundo tempo), problematizando os episódios que chamaram atenção no jogo na relação com os três pilares balizadores desta experiência (cooperação, solidariedade e respeito) no terceiro tempo com todo o grupo que jogou.

A questão da mistura de gêneros nas equipes é outra particularidade desta metodologia (ROSSINI et al., 2012) quando comparada com as modalidades esportivas e os



modos mais formalizados de suas configurações, geralmente, com base na separação de equipes masculinas e equipes femininas. Podemos dizer, que a junção de mulheres e homens neste jogo amplia as interações entre o grupo e pode fortalecer os diálogos acerca dos conflitos revelados pela diferença de gênero.

De acordo com Rossini e colaboradores (2012), a filosofia do *Fútbol Callejero* é sustentada por três pilares: cooperação, solidariedade e respeito. O primeiro está relacionado às chances equivalentes de jogo entre os/as participantes, ou seja, se todos/as foram igualmente requisitados/as durante as jogadas (interna à equipe). O segundo, se os/as jogadores/as foram solidários/as com os/as adversários/as em seus atos (em relação à outra equipe). Por fim, o último pilar verifica o respeito aos pactos estabelecidos entre todos e todas que jogaram juntos/as. Estes pilares entram na análise do jogo, entre o/a mediador/a e os/as jogadores/as, no terceiro tempo.

Com base nos três tempos do jogo, se um time vence o jogo jogado (segundo tempo), ele carrega para o terceiro tempo um placar fixo, no qual os gols feitos são convertidos em uma pontuação preestabelecida pelo grupo. Tal pontuação é somada ou não àquela manifestada em cada pilar, determinando a equipe vencedora. Nesta dinâmica, aquilo que seria a pontuação final em jogos de futebol ou futsal convencionais (número de gols) deixa de ser o critério exclusivo para se determinar a vitória, uma vez que o resultado do jogo será analisado, no terceiro tempo, na relação com uma outra pontuação delimitada por cada pilar (cooperação, solidariedade e respeito), podendo ser ampliada ou não de acordo com as reflexões geradas na relação com os pactos assumidos pelo grupo, determinando, aí sim, quem ganha a disputa.

Desta maneira, o resultado final envolve tanto os pontos do jogo, obtidos no tempo de bola rolando, quanto às pontuações advindas das análises das ações realizadas em jogo na relação com os três pilares e com as regras pactuadas. Acerca disso Apelan (2016, p. 5) esclarece:

En el tercer tiempo "lo que se hace es discutir como se ganó y como se jugó" entonces ahí se ponen en juego los tres valores que la metodología destaca como importantes tanto en el juego como en la vida cotidiana: el respeto, la cooperación y la solidaridad. La función del mediador es estimular que los jóvenes se pongan de acuerdo para ver si los equipos fueron respetuosos, fueron solidarios y/o fueron cooperativos y de tal forma elegir al ganador.

Como podemos notar, o diálogo e as reflexões realizadas no terceiro tempo do jogo podem alterar totalmente o placar final, colocando em destaque outras aprendizagens



que não se limitam às boas qualidades táticas e técnicas de uma equipe, envolvendo também a participação ativa ao longo de todo o processo ligada à convivência com o/a outro/a. Como exemplo, para uma melhor compreensão, podemos imaginar a seguinte situação: uma equipe vence no jogo jogado por um placar de cinco gols contra dois da outra equipe. Como é a somatória de vários itens que define o vencedor, esse resultado é convertido em uma pontuação também acordada pelo grupo, portanto decidida coletivamente. Poderíamos pensar, como exemplo, em um pacto no qual a vitória, no jogo jogado, valesse 2 pontos e a derrota 1 (em caso de empate, as equipes receberiam 1 ponto cada). Esse seria o saldo levado para o terceiro tempo. Somado a ele, teríamos a atribuição, igualmente decidida e partilhada pelo grupo, hipoteticamente, de 2 pontos para cada pilar (cooperação, solidariedade e respeito) que, ao serem praticados ou não durante o jogo (aspecto que será dialogado e avaliado na mediação do terceiro tempo) podem ser atribuídos ou não a cada equipe. Caso a equipe ilustrada anteriormente, ganhe no jogo jogado (segundo tempo), mas não pontue em nenhum pilar, pois não cumpriu os combinados decididos antes do jogo e não manifestou comportamentos ligados aos três pilares estruturantes, a outra equipe, que perdeu no jogo jogado e compartilhou efetivamente as ações combinadas e alinhadas aos pilares, será a vencedora.

Cabe reforçar que a pontuação exemplificada anteriormente não se configura como uma métrica fixa e universal, dado que a personalização das disputas entre as equipes se dá de forma colaborativa a partir dos combinados entre todas as pessoas do grupo. Com tal estrutura, percebemos que os pontos conquistados em cada um dos pilares exercem grande influência no resultado final da partida.

De acordo com Belmonte (2019), Fabian Ferraro destacou, em uma entrevista, que a potência educativa do *Fútbol Callejero* está na mediação, momento em que os/as participantes do jogo podem apresentar seus pontos de vista, argumentar a defesa por seus interesses, refletir e buscar alternativas para encaminhar os conflitos. Trata-se assim da busca pela aprendizagem e desenvolvimento de uma postura assentada no diálogo para as relações de convivência entre as pessoas nos mais diversos contextos sociais.

CONCEITOS PRAXIOLÓGICOS BÁSICOS

Os conhecimentos produzidos pela Praxiologia Motriz (PARLEBAS, 2001) contribuem com um melhor entendimento acerca do interior das lógicas dos jogos e dos



esportes, na medida em que delimitam com clareza e profundidade tanto uma linguagem quanto um conjunto de elementos que os caracterizam. Segundo Lanes e colaboradores (2018, p. 311):

[...] a Praxiologia Motriz apresenta-se como um conhecimento científico que tem por intuito sistematizar os aspectos referentes à lógica interna das práticas motrizes, proporcionando o entendimento da gramática dos jogos e esportes. Originária da França, em meados de 1960, a Praxiologia Motriz foi criada pelo professor Pierre Parlebas com base na Linguística, Psicologia, Sociologia, além do próprio conhecimento da Educação Física, áreas estas que Parlebas possui formação acadêmica.

Partindo deste entendimento, esta ciência possibilita o estudo das ações motrizes, configuradas pelas estruturas e dinâmicas que compõem os jogos e os esportes, tais como: o objetivo do jogo, a lógica interna, o espaço, os materiais, o tempo, as formas de comunicações utilizadas entre os/as praticantes, o modo de contabilizar a pontuação, os papéis e subpapéis sociomotores dos/as jogadores/as, decifrando, dessa forma, a prática motriz como um todo e as relações existentes entre cada uma delas.

De acordo com o aporte praxiológico de Parlebas (2001), para contemplar a amplitude de cada modalidade esportiva torna-se fundamental a compreensão de sua lógica interna. Nesse sentido, um importante conhecimento que deve ser considerado é o sistema CAI (Companheiros/as, Adversários/as e Incerteza do Ambiente), que tem por finalidade classificar as diversas práticas motrizes e caracterizá-las conforme a presença ou a ausência de companheiros/as e/ou adversários/as e a relação com o entorno físico, que compreende a prática devido à estabilidade ou instabilidade ambiental.

Com base nesta classificação e a partir das combinações das interações entre os/as participantes e entre o espaço, duas grandes categorias ganham relevância: a psicomotriz e a sociomotriz, sendo a primeira realizada sem interação motriz e a última com interação entre companheiros/as e/ou adversários/as de maneira essencial e direta (BORTOLETO, 2008).

A combinação destes critérios, Companheiros/as (C), Adversários/as (A) e Incerteza (I), que são conjuntamente indicados pelas letras C, A e I, nos permite caracterizar qualquer prática motriz, seja ela jogo, esporte, luta, dança, ginástica, etc., a partir de oito diferentes classificações, conforme descritas por Brasil (2016, p. 78-79):

1. Psicomotriz: ausência de interação entre companheiro/a e/ou adversário/a em meio ambiente estável.
2. Psicomotriz: ausência de interação entre companheiro/a e/ou adversário/a em meio ambiente instável.
3. Sociomotriz de cooperação: interação somente de cooperação (ausência de adversários/as) em meio ambiente estável.



4. Sociomotrizes de cooperação: interação somente de cooperação (ausência de adversários/as) em meio ambiente instável.
5. Sociomotrizes de oposição: interação somente de oposição (ausência de companheiros/as) em meio ambiente estável.
6. Sociomotrizes de oposição: interação somente de oposição (ausência de companheiros/as) em meio ambiente instável.
7. Sociomotrizes de cooperação-oposição: interação de oposição e cooperação simultâneas em meio ambiente estável.
8. Sociomotrizes de cooperação-oposição: interação de oposição e cooperação simultâneas em meio ambiente instável.

Outro elemento de análise proposto pela Praxiologia Motriz que torna possível o entendimento dos jogos e esportes diz respeito aos Universais Ludomotores, caracterizados como “[...] modelos operativos através dos quais se pode identificar e descrever as condições que caracterizam a estrutura básica de qualquer jogo ou esporte” (FOLLMANN, 2019, p. 39). Estes Universais envolvem sete elementos, ou seja: comunicação motriz, rede de interação de marca, sistema de pontuação, papel sociomotor, subpapel sociomotor, gestemas, praxemas. De acordo com Oliveira e Ribas (2019, p. 5), suas caracterizações são definidas como:

1. Rede de Comunicação Motriz: esse modelo é relativo às interações motrizes que são estabelecidas entre os jogadores, evidenciando as diferentes formas como eles se relacionam, indo ao encontro das possibilidades de interações apontadas pelo Sistema de Classificação CAI.
2. Rede de Interação de Marca: diz respeito à interação motriz necessária para pontuar e vencer uma determinada prática motriz. Pode ser de três tipos: antagônica (êxito a partir da oposição), cooperativa (êxito com base na cooperação) ou mista (resulta da cooperação e da oposição).
3. Sistema de Pontuação: referente às possíveis formas de pontuação em um jogo ou esporte, podendo ser do tipo: sistema por pontuação limite; sistema por tempo limite; sistema por pontuação e tempo limite; sistema de tempo invertido (por ponto/distância/altura obtida); jogos sem final/tempo estabelecido.
4. Papel: são as funções exercidas no jogo, referente à classe de comportamentos motores associada ao regulamento de um jogo esportivo.
5. Subpapel: refere-se às unidades comportamentais e às possibilidades de ação que um sujeito pode realizar em cada papel no jogo.
6. Gestema: comunicação expressa por meio de gestos e códigos preestabelecidos que permitem a transmissão de mensagens entre os jogadores, de modo a facilitar a compreensão por parte dos companheiros e auxiliar na comunicação entre eles.
7. Praxema: linguagem não verbal expressa pelo corpo, cuja expressão corporal é passível de leitura e interpretação por parte dos demais jogadores.

Até este momento, os conceitos praxiológicos estabelecem vínculos com os elementos correspondentes à estrutura das práticas motrizes. Ocorre que estas ganham vida quando passam a envolver as pessoas que as praticam e que, mais do que praticantes, se misturam e se assumem enquanto a própria prática motriz que realizam. Não à toa, poderíamos dizer que os/as participantes não estão no jogo, mas são o jogo.



É a partir daqui que passamos a correlacionar as estruturas das práticas motrizes com uma rede criada entre o jogo, a pessoa e o contexto. Afinal, as ações motrizes das pessoas que podem ser vistas quando se assiste a um jogo são marcadas pelas contingências dos comportamentos estabelecidos pelas regras do jogo e, igualmente, pelos jeitos próprios de fazer, rupturas, transgressões que são reveladores das histórias pessoais de cada jogador/a. A essa pessoalidade da ação motriz, Parlebas (2001) chamou de conduta motriz.

No interior deste entendimento das ações motrizes com as condutas motrizes é que se materializa a situação motriz, ou seja, o contexto situacional que significa e dá sentido aquilo que a pessoa realiza. Daí que as ações motrizes, quando imbricadas com as condutas motrizes no interior de qualquer prática motriz por um/a participante, assumem uma característica praxica, ou seja, um sentido daquela ação para aquele determinado contexto.

A relação entre a estrutura, as práticas motrizes e as ações motrizes/condutas motrizes manifestadas/reveladas por seus/suas praticantes alimentam as bases em torno do conceito de etnomotricidade. Para Parlebas (2008, p. 227), etnomotricidade é o “Campo e natureza das práticas motrizes, consideradas desde o ponto de vista de sua relação com a cultura e o meio social nos quais elas têm se desenvolvido” (p. 227, tradução livre nossa). Para Etxebeste e colaboradores (2015, p. 16, tradução livre nossa), a etnomotricidade poderia nos ajudar a “[...] revelar os mecanismos ocultos dos jogos esportivos, os efeitos que têm sobre as pessoas [...]”.

Fundamentado nestes conhecimentos, teceremos, a seguir, uma análise praxiológica preliminar do *Fútbol Callejero*.

O FÚTBOL CALLEJERO SOB O PONTO DE VISTA PRAXIOLÓGICO

Valendo-nos de uma análise praxiológica, podemos identificar o *Fútbol Callejero* como uma prática motriz na qual os campos de interação estão na oposição entre duas equipes e que cooperam em seu interior, portanto, sociomotriz de cooperação-oposição, realizado em um meio estável.

A composição das equipes pode assumir diversas variações (uma vez que depende do número de pessoas disponíveis e dispostas a participar do jogo), ainda assim, será necessário que as funções de goleiro/a e jogadores/as de linha sejam assumidas, já que, por mais autonomia que se tenha na elaboração das regras que conduzirão o segundo tempo do



jogo, este último possui relação com o futebol e suas estruturas mais gerais, sendo realizado com este “pano de fundo” enquanto balizador (ROSSINI et al., 2012).

As interações entre os/as jogadores/as no segundo tempo (do jogo jogado) se organiza para marcar pontos através de gols na equipe adversária, ao mesmo tempo em que os/as jogadores/as buscam atender aos três pilares fundantes (cooperação, solidariedade e respeito) na relação com a construção das regras definidas no primeiro tempo.

Partindo do entendimento de que para desvelar um sistema praxiológico é preciso analisar as possibilidades que os/as jogadores/as têm de se relacionar com o espaço, com as condições temporais, com a bola, com os/as outros/as jogadores/as e com o conjunto de regras (LAGARDERA; LAVEGA, 2003), iniciaremos este diálogo acerca do ambiente onde ocorre o jogo.

Originalmente o *Fútbol Callejero* se apropriou de espaços públicos livres e simbólicos, porém, aos poucos houve incorporação de outros ambientes, flexibilizando os terrenos de jogo. Por isso, podemos depreender que as dimensões do ambiente de jogo variam, na medida em que pode envolver o campo, a quadra, a rua e seus arredores (calçada, meio fio, etc.). Apesar dessa suposta abertura ao meio ambiente, este, ao ser definido, recebe as linhas demarcatórias estabelecidas pelo grupo e se define como espaço de ocorrência do jogo, sem ser influenciado por instabilidades do meio. Sob esta delimitação, todos/as os/as jogadores/as devem realizar suas ações mediadas pelas proporções definidas.

Quanto à relação dos/as jogadores/as com o material, isso se dá por meio de uma bola. As metas, protegidas principalmente pelos/as goleiros/as, se encontram nas duas extremidades opostas do terreno de jogo.

Sobre a questão temporal, a duração dos três tempos depende do que for acordado e decidido pelo grupo mas, geralmente, tanto o primeiro quanto o terceiro tempo possuem uma organização temporal menos rígida e mais dependente da participação e envolvimento do coletivo para decidir o contrato lúdico do jogo jogado e para avaliar o cumprimento desse acordo em diálogo coletivo que também envolve o/a mediador/a. Já a definição da duração da partida, jogada no segundo tempo da metodologia *Callejera*, guarda relação com o que for combinado para as regras do jogo, tendo sua duração estabelecida pelo próprio grupo. De acordo com Rossini e colaboradores (2012), o primeiro tempo é constituído pela decisão das regras do jogo, divisão das equipes, sistemas de pontuação e acordos iniciais. Esta não precisa, necessariamente, ter a mesma estrutura e dinâmica do futsal formatadas pelo



modelo esportivo, dando autonomia aos participantes para criarem regras peculiares e alinhadas às expectativas e interesses de cada grupo. Já o segundo tempo, caracterizado pelo jogo jogado e também chamado de “bola rolando”, é onde ocorrem as partidas balizadas pelas regras estipuladas. No terceiro tempo, assentado no diálogo e na análise do que foi combinado (primeiro tempo) e do que foi realizado (jogo jogado – segundo tempo), acontece o fórum de debate, a reflexão e a tomada de decisão coletiva. Neste momento, a figura do/a mediador/a tem papel fundamental para mobilizar o grupo em prol de manifestações argumentativas que permitirão ao coletivo analisar e decidir o resultado final da partida.

Na etapa do jogo jogado, a comunicação direta entre os/as jogadores/as se dá numa prerrogativa de se fazer compreendido/a pelos/as companheiros/as de equipe e de enganar o/a adversário/a. Deste modo, os/as participantes buscam ser imprevisíveis com seus/suas adversários/as, ao mesmo tempo em que tentam disponibilizar uma leitura clara de informações com seus/suas companheiros/as, revelando uma dinâmica de comunicação e contracomunicação motrizes.

O sistema de pontuação não se baseia só nos gols conquistados no jogo jogado, segundo tempo, mas são levados em consideração outros aspectos, como a pontuação alcançada nos três pilares que sustentam a metodologia Callejera. Logo, se um time vence a disputa, ele carrega para o terceiro tempo (mediação) um score. Este passará pela análise de cada pilar (cooperação, solidariedade e respeito), determinando o resultado final. Cumpre destacar que, ainda que o acordo para jogar o jogo se dê de modo coletivo, a potencialidade do *Fútbol Callejero*, como apontou Ferraro (BELMONTE, 2019) está na assunção de uma atitude dialógica frente às situações de conflito, daí que se torna relevante acentuar a pontuação de cada um dos três pilares (solidariedade, respeito e cooperação) na relação com o resultado do jogo jogado, de modo a valorizar esse tensionamento em prol da mobilização do diálogo entre os/as participantes.

Os papéis sociomotores dos/as jogadores/as de *Fútbol Callejero* se estruturam pela dinâmica de atacante com posse de bola, atacante sem posse de bola, defensor/a do/a atacante com posse de bola, defensor/a dos/as outros/as atacantes e os/as goleiros/as (que podem ter seus papéis também definidos pelas regras estabelecidas pelo grupo. Ex.: Com sua equipe no ataque, o/a goleiro/a pode ser tanto o/a atacante com posse de bola quanto o/a atacante sem posse de bola. Apenas na situação de jogador/a da equipe de defesa, o/a goleiro/a tende assumir o papel de ser o/a responsável exclusivo/a pela defesa da bola). No



sistema de papéis sociomotores, ainda que os/as jogadores/as tenham claras as suas ações de ataque ou defesa balizadas pela posse de bola, há trocas sucessivas entre os/as jogadores/as quando estão no ataque, mas sem posse de bola ou com posse de bola, assim como quando estão na defesa marcando quem tem a posse de bola ou encurtando o espaço de um/a atacante sem posse de bola.

Os subpapéis sociomotores, demarcados pelas ações motrizes desempenhadas pelos/as jogadores/as, do ataque - com posse de bola e sem posse de bola, em sua maioria, se efetivam por passes entre os/as companheiros/as; chutes ou cabeceios ao gol; corridas; mudanças de direção; fintas (dribles); aproximações de quem tem a bola; abertura de espaços para quem tem a bola; movimentos para enganar o/a adversário/a. Os/As defensores/as do/a atacante com posse de bola e dos/as outros/as atacantes, costumam realizar ações motrizes caracterizadas por: corridas; fintas (dribles); marcações sob pressão; marcações à distância; reduções de espaços; antecipações. Já o/a goleiro/a, da equipe que está na defesa, entretanto, tende a ser o/a único/a com permissão para tocar a bola com as mãos dentro da sua área, caso esta regra constitua o espaço do jogo jogado pelo grupo. Ainda que, em certa medida próximos ao que se realiza nas partidas de futsal convencional, os papéis e subpapéis sociomotores podem se reconfigurar à medida em que os pilares estruturantes demandarem aos/às participantes atitudes que impactem diretamente no comportamento de jogo.

As comunicações gestêmicas e praxêmicas são determinadas por gestos ou movimentos corporais que requerem dos/as participantes uma leitura corporal da intenção de quem as realiza. Neste sentido, elas demandam por uma intensa coesão interativa que possibilite ao/a jogador/a ler e interpretar o signo apresentado pelo/a outro/a jogador/a de modo a captar a intencionalidade deste/a último/a.

Parlebas (2001) salienta que as ações motrizes/conduas motrizes manifestadas a partir das regras ou normas de funcionamento de uma prática motriz estabelecem modos específicos de atuação do/a participante. De um modo geral, as regras das modalidades esportivas futebol e futsal, ainda que balizadas por um domínio motriz de interação semelhante ao do *Fútbol Callejero* (sociomotriz de cooperação e oposição), incitam a vitória, a burlar as regras, a ser a "estrela" do grupo com ações individualistas, a intimidar o adversário com xingamentos ou violências corporais. Neste sentido, estaria aqui uma contribuição ímpar do *Fútbol Callejero* para a transgressão dos comportamentos "estruturalmente" impostos às



peças que jogam o futebol ou o futsal em seu formato padronizado pelo modelo esportivo e que acabam sendo naturalizados e até julgados como “corretos”.

Com base na etnomotricidade reconhecemos o quanto o esporte futebol formalizado alimenta nossos modos de ser e estar em nossa sociedade, que é capitalista. E como representante de tal, engendra processos de exclusão, de intolerância ao diferente com padronizações em prol de uma suposta homogeneização, com a defesa de um “questionável” conjunto de regras que se coloca como justo e igual para todos e todas, carecendo somente do esforço e sacrifício individual (FERREIRA, 2022).

É por esta via que Parlebas (2001) salienta que não se pode esperar o desenvolvimento de certas competências de práticas motrizes que não são capazes de proporcioná-las. Daí que, mudar a regra, mexer na estrutura e alterar a metodologia das práticas motrizes em prol da construção de outros valores que não estes colocados pelo futebol padronizado, por exemplo, se apresentaria como uma possibilidade de mudança.

A história do *Fútbol Callejero* mostra claramente o movimento que foi feito por Ferraro e seus parceiros para a construção de um outro modo de jogar que buscasse desenvolver aprendizagens que proporcionassem vivências de formas de interação pautadas na valorização de ações de cooperação, solidariedade e respeito efetivos no jogo, bem como, no enfrentamentos de conflitos a partir do diálogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse exercício de análise praxiológica, ainda muito inicial do *Fútbol Callejero*, suscita a possibilidade de aproximações, na etapa do jogo jogado, com elementos estruturais e funcionais do futebol e do futsal formalizados pelo modelo esportivo, já que foi, inclusive a partir dessa referência que se partiu para a criação do *Fútbol Callejero*.

Todavia, não podemos nos deixar enganar por esta impressão preliminar, na medida em que, a criação desse novo jogo foi balizada por uma perspectiva que buscava transgredir os valores que estavam socialmente impostos a um grupo de jovens que eram invisibilizados e alijados de seus direitos.

Essas incursões trazidas pelo *Fútbol Callejero* nos colocam diante de um cenário no qual a questão do gênero deixa de ser um separador de grupos, juntando as pessoas no jogo independente desse marcador social. Igualmente, há uma outra forma de interação com as regras que conduzirão o jogo jogado, uma vez que estas são elaboradas pelos/as participantes,



podendo contribuir com uma participação muito mais ativa daqueles/as envolvidos/as nesse processo, bem como, da resolução dos conflitos e dilemas que ocorrem no interior do próprio desenrolar do jogo, devendo ser decidida pelo grupo, já que não há arbitragem. Além disso, o estabelecimento dos três pilares (cooperação, solidariedade e respeito) incita novos comportamentos dos/as jogadores/as no decorrer de todo o tempo de jogo jogado. A mediação, que ocorre no terceiro tempo, também aponta um novo arranjo no âmbito das reflexões para o grupo na relação com o estabelecimento do resultado final da partida, o que pode potencializar a construção de valores que subvertem as lógicas padronizadas do esporte.

Essa metodologia traz como mote a mobilização ativa daqueles que jogam juntos e os/as mediadores/as que, de modo interativo e coletivo, dialogam, refletem e decidem sobre a experiência vivida. Tais elementos nos convidam a pensar sobre as possibilidades de ampliarmos, assim como sugeriu Castro (2018), a proposta de um Metodologia *Callejera* para o ensino de outras modalidades esportivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APELANZ, Ildefonso. Movimiento fútbol callejero y las ligas COED en Estados Unidos. **Revista com efecto**, Buenos Aires, 25 de abr. 2016. Disponível em: <<https://revistaconefecto.wordpress.com/2016/04/25/movimiento-futbol-callejero-y-las-ligas-coed-en-estados-unidos/>>. Acesso em 09 out. 2020.

BELMONTE, Maurício Mendes. **Futebol callejero**: processos educativos decorrentes de uma motricidade emergente. 2019. 524f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2019.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. A ginástica artística estudada a partir da ótica da praxiologia motriz: reflexões preliminares. In: RIBAS, João Francisco Magno (Org.). **Jogos e esportes**: fundamentos e reflexões da praxiologia motriz. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2008.

BRASIL, Isabella Blanche Gonçalves. **O saber para praticar do jogo de handebol na educação física escolar**: recursos avaliativos para o ensino médio. 2016. 236f. Dissertação (Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica). Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP, 2016.

CASTRO, Lúgia Estronioli. **A construção de valores orientada pela Metodologia Callejera na Educação Física Escolar**. 2018. 136f. Dissertação (Mestrado Profissional em Docência para Educação Básica). Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP, 2018.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 1995.



DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ETXEBESTE, Joseba Otegi e colaboradores. El placer de descubrir en praxiología motriz: la etnomotricidad. **Acción motriz**, n. 15, p. 15-24, 2015.

FERREIRA, Lilian Aparecida. A subversão de lógicas presentes no ensino do futebol na iniciação esportiva. In: SANTOS, Júlio Wilson (Org.). **Seminário Ciência e Futebol**. Curitiba, PR: CRV, 2022.

LANES, Bruno Minuzzi e colaboradores. Praxiologia motriz: novas proposições para o treinamento de jogos esportivos coletivos. **Motrivivência**, n. 54, v. 30, p. 308-325, 2018.

LAGARDERA, Francisco O.; LAVEGA, Pere B. **Introducción a la praxiología motriz**. Barcelona, España: Paidotribo, 2003.

MOVIMENTO DE FÚTBOL CALLEJERO. **Movimento de fútbol callejero**. Disponível em: <<http://movimientodefutbolcallejero.org>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

FOLLMANN, Natiele. **A sistematização da lógica interna do futsal a partir da praxiologia motriz**. 2019. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.

OLIVEIRA, Raquel Valente de; RIBAS, João Francisco Magno. A lógica interna do voleibol sob as lentes da praxiologia motriz. **Journal of physical education**, v. 30, e3073, 2019.

PARLEBAS, Pierre. **Juegos, deportes y sociedad**: léxico de praxiología motriz. Barcelona, España: Paidotribo, 2001.

_____. **Juegos, deportes y sociedad**: léxico de praxiología motriz. 1ª reimpressão. Barcelona, España: Paidotribo, 2008.

RIBAS, João F. M. Praxiologia Motriz: construção de um novo olhar dos jogos e esportes na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 2, p.113-120, mai./ago. 2005.

ROSSINI, Luciano e colaboradores. **Fútbol callejero**: juventud, liderazgo y participación – trayectorias juveniles en organizaciones sociales de América Latina. Buenos Aires, Argentina: FUDE, 2012.

TOMAL, Vinícius Ricardo. **Direito, democracia e ditaduras**: o direito como movimento emancipatório na luta contra os regimes autoritários sul-americanos. 2012. 79f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2012.

**Dados da primeira autora:**

Email: ligiaestronioli@gmail.com

Endereço: Rua Engenheiro Saint Martim, 19-22 (apartamento 507), Vila Santa Tereza, Bauru, SP, CEP: 17012-056, Brasil.

Recebido em: 04/04/2022

Aprovado em: 27/09/2022

Como citar este artigo:

CASTRO, Lígia Estronioli de; FERREIRA, Lilian Aparecida. *Fútbol callejero*: uma primeira análise praxiológica. **Corpoconsciência**, v. 26, n. 3, p. 70-85, set./ dez., 2022.